
Mulheres no território político: Marielle Franco,¹ marcas narrativas e estratégias de silenciamento

Sthefany Duhz CAVACA²
Gabriela Santos ALVES³

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

RESUMO

Após um ano do crime político que levou a morte de Marielle Franco e o seu motorista Anderson Gomes, o caso não foi solucionado. Estão sendo investigados dois suspeitos dos disparos, entretanto ainda sem respostas que levem ao mandante deste crime. Entendendo a repercussão e relevância deste caso não só para sociedade brasileira, mas mundialmente, a proposta deste artigo é refletir como as estratégias de silenciamento e esquecimento contribuíram para construção de uma não memória a partir de marcas narrativas identificadas nas redes sociais de deputadas capixabas sobre caso Marielle Franco.

PALAVRAS-CHAVE: Marielle Franco; Política brasileira; Mulheres; Silenciamento; Memória.

Introdução

O território político é um espaço de relações de poder ocupado majoritariamente por homens e, por consequência, há uma representatividade masculina. As mulheres não estão neste território apesar de corresponder a mais da metade da população brasileira. A representatividade feminina é baixíssima. Em 2015, segundo dados do Relatório da União Parlamentar “Las mujeres en el parlamento en 2015”, as mulheres ocupavam em torno de 30% da composição parlamentar mundial (UNIÃO INTERPARLAMENTAR, 2015).

¹ Trabalho apresentado na IJ - Comunicação, Espaço e Cidadania do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

² Graduanda do 7º período do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, e-mail: duhzcavaca@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, Brasil. Pós doutora em Comunicação e Cultura (Eco/UFRJ). Realizadora audiovisual, atua como roteirista, diretora, curadora e cineclubista. Áreas de interesse acadêmico: cultura audiovisual, teoria feminista, cinema, memória e gênero. E-mail: gabrielaalves@terra.com.br.

De acordo com dados do IBGE, em 2017, o Brasil ocupava a 152ª posição entre os 190 países que informaram à *Inter-Parliamentary Union* o percentual de assentos em suas câmeras baixas (câmaras de deputados) ou parlamento unicameral ocupados por mulheres parlamentares em exercício. No mês de dezembro, o percentual de mulheres parlamentares no Congresso Nacional era de 11,3%. Na Câmara dos Deputados, apenas 10,5% são mulheres. No Senado, a representação feminina era de 16,0% da Casa Legislativa. De cada 10 deputados estaduais eleitos, uma é mulher, representando 11% do total. Ainda hoje, há mecanismos sociais limitadores da participação feminina na política, mesmo após conquistas como o direito de voto às mulheres e a Presidência da República brasileira (BIROLI E MIGUEL, 2014).

Ainda enquanto dado e registo na história do Brasil, tivemos uma única presidenta, Dilma Rousseff, e ela não conseguiu finalizar seu mandato, sofrendo um golpe político. A representatividade da Dilma Rousseff no cargo de presidência foi uma marca fundamental na história da sociedade do país. Segundo Fonseca-Silva,

Dilma Rousseff é a primeira presidente do Brasil, mas, ou ao mesmo tempo, pela memória que é atravessada pela história de gerações de mulheres (índias, negras, brancas, ricas ou pobres, famosas ou anônimas, livres ou escravas) que, da Colônia à República, participaram de relacionamentos de forças, lutaram e promoveram contracondutas individuais e coletivas no interior de racionalidades políticas, para poderem se subjetivar no lugar de sujeito político. O nome Dilma Rousseff, neste sentido, deixa de figurar uma pessoa para figurar um lugar que representa todas as gerações de mulheres brasileiras (anônimas, esquecidas, pouco lembradas) que não aceitaram as injunções impostas pela sociedade e se colocaram no lugar de resistência (FONSECA-SILVA, 2012, p. 203).

Apesar desse cenário as mulheres resistem, ainda que ocupando pouco espaço na política brasileira. Neste horizonte, temos Marielle Franco. Marielle era uma mulher preta, lésbica, periférica vinda da Favela da Maré, com ideais e lutas progressistas que ocupou o mesmo território público e de poder, a política institucional brasileira. Marielle foi eleita vereadora do Rio de Janeiro pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) com 46.502 votos, foi também presidenta da Comissão da Mulher da Câmara. De acordo com pesquisa da organização Gênero e Número, as vereadoras eleitas no Brasil autodeclaradas pretas somam 328 mulheres, representando 0,6% do total de 57,8

mil vereadores eleitos em 2016. Foram eleitas pardas 2.546 mulheres, sendo 4,4% do total. Juntas, estas mulheres negras representam 5% da vereança no país (GÊNERO E NÚMERO, 2018). Ainda na eleição de 2016, o percentual de mulheres negras candidatas ao cargo de vereadora era de 14,2% e já ao cargo de prefeita, cai para 0,13% segundo pesquisa do portal Politize (POLITIZE, 2018).

Diante dessa conjuntura política, Marielle Franco que foi uma mulher negra, lésbica, periférica e se destacou e venceu a disparidade de ocupar cargos de poder, é assassinada em 14 de fevereiro de 2018. Após 13 meses do crime político que levou à sua morte e de seu motorista Anderson Gomes, o caso não foi solucionado. Estão sendo investigados dois suspeitos dos disparos, entretanto ainda sem respostas que levem ao mandante deste crime.

Pensar em Marielle é entender sua vasta representatividade e no mínimo se questionar o porquê de sua morte e do motorista Anderson, de sua voz silenciada, e do pouco que se comenta e posiciona midiaticamente, sobre este crime ainda não solucionado. E sim, criar uma expectativa diante do governo, de representações políticas e da mídia, enquanto poderes e enquanto autoridades que necessitam posicionar-se e dar uma resposta sobre o caso.

Sendo assim, direcionando o olhar em nosso estado Espírito Santo, a proposta deste artigo é refletir sobre as estratégias de silenciamento e esquecimento, a partir de marcas narrativas identificadas nas redes sociais de parlamentares capixabas sobre o caso Marielle Franco. Este trabalho é um desdobramento da minha iniciação científica contemplada pelo edital PIIC (Programa Institucional de Iniciação Científica) de 2018-2019 da Universidade Federal do Espírito Santo. Na pesquisa “Marcas narrativas do espaço midiático: mulheres negras no território político capixaba” que está em andamento, destino-me a discutir os posicionamentos demarcados sobre o caso Marielle Franco pelas mulheres negras capixabas eleitas até 2018. E para isso, mapear essas mulheres e as suas redes sociais (Facebook, Twitter, Instagram, site do partido e site pessoal), no período de 14 de março a 14 de abril de 2018.

Já analisamos e trazemos a este artigo, os dados de cinco deputadas estaduais que eram candidatas à reeleição em 2018. As capixabas Janete de Sá (PMN), Eliana

Dadalto (PTC), Luzia Toledo (MDB), Raquel Lessa (PROS) e Cláudia Lemos (PRB). E o que observamos foi que pouco ou nada se produziu de discurso sobre as mortes no período analisado. O não posicionar-se aponta, cientificamente, para um silenciamento em relação à morte de Marielle. (ALVES; CAVACA, 2018)⁴

A partir deste pressuposto, nos propomos neste artigo, refletir teoricamente como as estratégias de silenciamento e esquecimento contribuíram para a construção de uma não memória, perante 13 meses após o crime político contra Marielle não solucionado.

Análise das marcas narrativas das deputadas capixabas

Coletamos e analisamos as redes sociais (Facebook, Instagram, Twitter, site do partido e site pessoal) de cinco deputadas estaduais capixabas, que foram candidatas à reeleição em 2018. (ALVES; CAVACA, 2018)⁵ As postagens do Facebook foram coletadas pelo aplicativo Netvizz v1.6.

⁴ O artigo foi apresentado no “Encontro Internacional Engênero III. Saber, Violência, Ação: a universidade reforçando ou desconstruindo (pré)conceitos?” em novembro de 2018, no qual discutimos os posicionamentos das deputadas estaduais capixabas sobre o caso Marielle Franco. Entretanto, ainda não está disponível online a publicação nos anais do evento, apenas o resumo.

⁵ Análise e discussão das marcas narrativas das deputadas capixabas encontram-se integralmente no artigo “Lugar de mulher é na política? Posicionamentos das deputadas estaduais do Espírito Santo sobre o caso Marielle Franco” apresentado no “Encontro Internacional Engênero III. Saber, Violência, Ação: a universidade reforçando ou desconstruindo (pré)conceitos?” em novembro de 2018. A publicação não está disponível online nos anais do evento ainda, apenas o resumo.

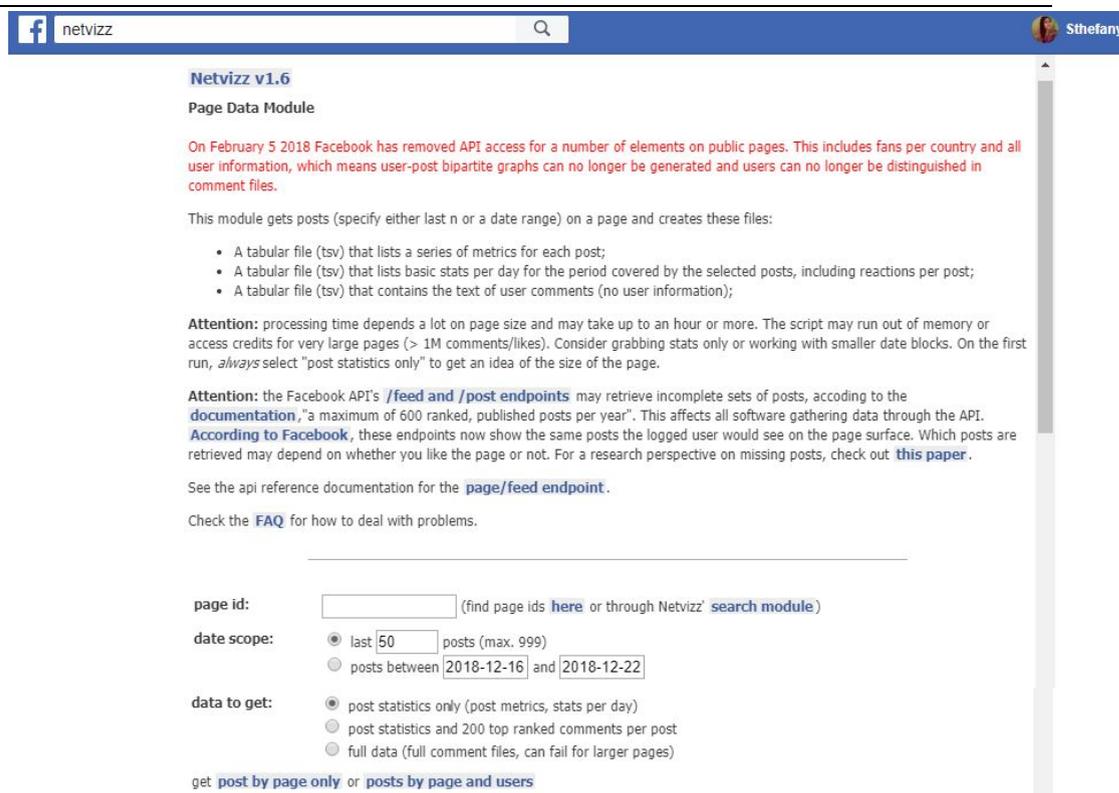


Imagem representativa do aplicativo Netvizz v1.6

Os sites pessoais e do partido, Twitter e Instagram foram verificados manualmente dentro do período de 30 dias (14 de março a 14 de abril de 2018) após a morte da vereadora Marielle Franco. Definimos este período pois entendemos que é o momento de maior visibilidade do assunto, porque é quando o fato acaba de acontecer e é o período de grande ênfase na mídia, na política e na sociedade brasileira.

Buscamos identificar as publicações com textos escritos e/ou imagens/vídeos, que se relacionasse ao caso Marielle. Organizando em tabela, buscamos também, no site pessoal e do partido, no Twitter e Instagram de cada candidata, marcas narrativas com posicionamentos sobre a vereadora.

Tabela 1 - Marcas narrativas nas redes midiáticas

| DEPUTADAS | Número de Posts no Facebook | Posts referentes a Marielle no Facebook | Twitter | Instagram | Site pessoal | Site do partido |
|--|-----------------------------|---|---------|-----------|--------------|-----------------|
| Janete de Sá (PMN) | 56 | 1 | 0 | 0 | * | 0 |
| Eliana Dadalto (PTC) | 88 | 1 | ** | 0 | *** | 1 |
| Luzia Toledo (MDB) | 63 | 0 | ** | 0 | *** | 0 |
| Raquel Lessa (PROS) | 27 | 0 | ** | 0 | *** | 0 |
| Cláudia Lemos (PRB) | **** | 0 | *** | *** | *** | 1 |
| * = erro no acesso ao site | | | | | | |
| ** = não utiliza a rede | | | | | | |
| *** = não possui | | | | | | |
| **** = não há publicação no período de análise | | | | | | |

Tabela referente à menções sobre Marielle Franco das cinco deputadas estaduais

Nesta primeira tabela, podemos observar que as cinco deputadas estaduais não utilizam site pessoal como canal de comunicação. Percebemos também que em suas redes Twitter e Instagram não há publicações referentes a Marielle, no período coletado, ou até mesmo não se utilizam destas redes. Inclusive, na nossa busca, não encontramos uma página do Facebook dedicada à deputada Cláudia Lemos (PRB), apenas seu perfil individual. Pesquisamos em suas postagens e não há publicação na rede no período de análise. Entretanto, há uma publicação no site do partido sobre uma escola do Rio do Janeiro que ganhou o nome de Marielle Franco, porém não há vínculo com a deputada (<https://www.prb10.org.br/noticias/municipios/crivella-dara-nome-de-vereadora-mariell-e-franco-escola-em-guaratiba/>).



The screenshot shows the website of the Partido Republicano Brasileiro (PRB). The main article is titled "Crivella dará nome de vereadora Marielle Franco a escola em Guaratiba" and is dated 15/03/2018. The article text states that Mayor Marcelo Crivella of the PRB decided to name a school after Marielle Franco. The article also includes a photo of Crivella with a group of people and a sidebar with social media links and a newsletter sign-up form.

Imagem representativa da nota de pesar no site do Partido Republicano Brasileiro (PRB)

Dentre as 27 publicações no Facebook da deputada Raquel Lessa (PROS), não há menção ao caso de Marielle no mês analisado. No Facebook da medebista Luzia Toledo, das 63 postagens no período de 14 de março a 14 de abril, também não há publicações nesta mídia sobre Marielle.

Continuamos a busca e coletamos 56 postagens na página do Facebook da candidata à reeleição pelo Partido da Mobilização Nacional (PMN), deputada Janete de Sá. A deputada publicou no dia 15 de março de 2018 uma nota de pesar à Marielle Franco, sendo a única postagem no mês analisado (<https://www.facebook.com/1606541096264792/posts/1969561123296119/>).



The image shows a screenshot of a Facebook post. On the left is the profile of Janete de Sá, with her name, handle @depjanetedesa, and a list of navigation options including 'Página inicial', 'Sobre', 'Fotos', 'Vídeos', 'Eventos', 'Publicações', 'Comunidade', and 'Informações e anúncios'. A green button 'Criar uma Página' is at the bottom of the profile section. The post itself is from Janete de Sá, dated March 15, 2019, in Vitória. The text of the post is a 'Nota de Pesar' (Statement of Grief) regarding the assassination of Marielle Franco. It describes her as a feminist, Black woman, and activist who was silenced on the night of her death. The post concludes with a call for an independent investigation and the phrase 'MARIELLE FRANCO, PRESENTE!'. Below the text is a graphic with the text 'EU SOU PORQUE NÓS SOMOS' at the top, a silhouette of a Black woman's head with a colorful headband in the center, and 'Marielle PRESENTE!' at the bottom in a stylized font.

Janete de Sá
@depjanetedesa

Página inicial
Sobre
Fotos
Vídeos
Eventos
Publicações
Comunidade
Informações e anúncios
[Criar uma Página](#)

Janete de Sá está 😞 se sentindo incomodado em Assembleia Legislativa do Espírito Santo.
15 de março · Vitória · 🌐

| Nota de Pesar |

É com muita tristeza que recebemos a notícia do assassinato de Marielle Franco, vereadora carioca do PSOL, e do trabalhador, Anderson Pedro Gomes, seu motorista, no bairro do Estácio, no Rio de Janeiro, após participar de um evento dos 21 dias de Ativismo Contra o Racismo. Ela exercia o seu primeiro mandato, mas já era uma grande conhecida da população do Rio por sua militância na área de Direitos Humanos e nas favelas. Feminista, negra, comprometida com a construção de outra sociedade e com o fim das injustiças sociais, Marielle Franco foi barbaramente silenciada na noite dessa quarta-feira (14). Recentemente, foi indicada como relatora da Comissão que irá acompanhar a Intervenção Federal no Rio, além de denunciar a morte de jovens por policiais em Acari e de outros bairros pobres do Rio de Janeiro.

A sociedade exige uma investigação independente desse bárbaro assassinato. Toda a minha solidariedade aos familiares e companheiros de luta!

MARIELLE FRANCO, PRESENTE!

EU SOU PORQUE NÓS SOMOS



Marielle
PRESENTE!

Nota de pesar publicada por Janete de Sá sobre Marielle Franco

Nesta publicação, a deputada lamenta o assassinato da vereadora carioca e seu motorista Anderson Pedro Gomes. Contextualiza a trajetória política de Marielle, comenta sobre ser o primeiro mandato da vereadora, e a militância nos direitos humanos. Apontando características autodeclaradas por Marielle, como feminista, negra, que luta contra as injustiças sociais, a deputada Janete de Sá pontua que esse assassinato representa um extremo silenciamento com a frase “Marielle Franco foi barbaramente silenciada”. Por fim, menciona que é uma exigência social a investigação desse crime e se solidariza com familiares e companheiros de luta.

No Facebook da deputada Eliana Dadalto (PTC), das 88 postagens, uma menção a Marielle Franco foi localizada no dia 21 de março de 2018. Eliana Dadalto em sessão parlamentar lamenta a morte da vereadora e fala sobre a resistência feminina na política e sua história (<https://www.facebook.com/ElianaDadaltoOficial/videos/1455947527868139/>).



A luta da mulher na política

 Curtir  Comentar  Compartilhar  ...



Deputada Eliana Dadalto

 Seguir

  58

3 comentários

11 compartilhamentos

1,2 mil visualizações · há ± 9 meses · Vitória · 

Chegar até aqui, estar deputada estadual, não foi e não é uma tarefa fácil! Sinto diariamente a dor do preconceito no meio político por ser mulher. Fui a primeira vice-prefeita e sou a primeira deputada do meu município, Linhares. Uma terra que apesar de linda e rica, é extremamente machista.

Nesta hora, me recordo da morte da vereadora Marielle Franco.
[#mariellepresente](#)

Deputada Eliana Dadalto menciona Marielle Franco em sessão parlamentar

A deputada Eliana Dadalto inicia seu discurso com lamento do assassinato de Marielle Franco e Anderson Gomes. Contextualiza a luta da mulher na política e a sua própria trajetória. Comenta a dificuldade de ocupar um espaço político e compartilha sua história desde secretária de Assistência Social no município de Linhares, a vice-prefeitura do mesmo município até chegar ao cargo de deputada estadual.

“O que aconteceu com Marielle, a luta daquela mulher de fibra, de determinação lá no Rio de Janeiro, que foi brutalmente assassinada. A Marielle Franco junto com Anderson Gomes, assim como os assassinatos acontecendo aqui no estado do Espírito Santo, é lamentável por todas essas mortes que estamos vendo. Mas eu quero dizer para todos neste momento da luta da mulher nas questões sociais. Fui secretária de Assistência Social no meu município, hoje estou deputada graças ao trabalho que realizei na Assistência Social. Mas não foi fácil. A luta como Marielle teve no Rio de Janeiro, nós deputadas também mulheres, ontem nós tivemos uma audiência pública que foi muito rica aqui dentro deste plenário. Foi um momento que discutimos muito a questão da mulher e principalmente a luta que nós mulheres não podemos desistir. A luta

deste espaço político, porque é aqui nós temos mais força para poder apresentar para a sociedade o nosso valor” (DADALTO, 2018).

No site do partido que a deputada Eliana atua, há uma nota de pesar a Marielle no dia 15 de março, porém sem vínculo com a deputada (<http://www.ptc36nacional.com.br/nota-de- pesar-vereadora-marielle-franco/>).



Imagem representativa da nota de pesar publicada no site do Partido Trabalhista Cristão

Estratégias narrativas do silenciamento e esquecimento

Observamos nas marcas narrativas das deputadas capixabas que pouco ou nada se disse sobre a morte de vereadora. Com o mapeamento das deputadas Janete de Sá (PMN), Eliana Dadalto (PTC), Luzia Toledo (MDB), Raquel Lessa (PROS) e Cláudia Lemos (PRB) nas redes sociais Facebook, Twitter, Instagram, site pessoal e site do partido, localizamos, apenas, marcas narrativas das deputadas Janete de Sá (PMN) e Eliana Dadalto (PTC). A nota de pesar no Facebook de Janete de Sá bem como o vídeo

de pronunciamento em sessão parlamentar da deputada Eliana Dadalto, representam uma parcela pequena de menção à Marielle.

A não demarcação de espaço, de posicionar-se, de marcar um lugar de fala, de um lugar não só empático mas também combativo, por serem todas parlamentares e que era esperado via sororidade que elas fossem mais presentes em suas falas, já que ocupam também um espaço público e de poder, aponta, cientificamente, para um silenciamento em relação à morte de Marielle. E o não posicionar-se diante deste crime é corroborar para este silenciamento, em nosso entendimento enquanto pesquisadoras do campo da teoria feminista.

A sororidade feminina entra como união de mulheres através da empatia, do companheirismo, da irmandade. Estar presente, estar ao lado, posicionar-se em defesa de outras mulheres num território tão desigual e predominantemente masculino como a política brasileira é extremamente importante. É uma oportunidade que, através da sororidade feminina, mulheres marcam seus espaços e abrem caminho para outras mulheres ocuparem este espaço político.

Quando uma voz de uma mulher é silenciada, como foi a de Marielle, uma mulher negra, lésbica, de periferia, é silenciado todo um grupo social representado por ela. Mulheres políticas se posicionando em seus canais midiáticos sobre a vereadora é dar visibilidade, é legítimo, é usar o lugar político que ocupa de forma a marcar a importância de se falar e entender o caso de Marielle Franco. O não posicionar em seus canais midiáticos, hoje, podemos entender, enquanto marca de ausência de fala, de silenciamento diante do caso.

Os fatos da sociedade que são registrados ou transmitidos oralmente, entram para história de determinado povo. E o registro de fatos históricos produzem memória desses acontecimentos. Quando um fato é silenciado, ele não é dito. E o não dito, não se perpetua pois não há registro, não há história e nem memória. O silenciamento produz um esquecimento.

O esquecimento está ligado à noção de história e a produção de memória de um fato histórico. O território do esquecimento está associado ao mesmo território da história e a memória dos fatos. Ou seja, do que aconteceu, do que foi dito, do que foi

registrado, transmitido. O esquecimento é uma categoria de análise importante para nossa pesquisa, porque explica e aponta, cientificamente, a produção da história e memória de Marielle baseada no não dito, o não se posicionar, o não questionar, o não solucionar.

Quando se pensa em ato/fato político, visualiza-se uma memória de uma comunidade, sociedade, nação. Segundo Michael Pollak,

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvar, se integra em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes; partidos sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações, etc (POLLAK, 1989, p. 6).

E a memória é registrada nos livros de história, nos jornais, nas redes sociais, no documentos oficiais. Enquanto pesquisadoras, estamos dentro do âmbito de pensar uma memória que se construiu especificamente sobre Marielle Franco, que é um crime político até hoje não solucionado.

Diante desse cenário é importante falar do território político. O que se falou sobre o crime político? O que foi registrado sobre o caso? A quem interessa este silenciamento? O que o governo, as representações políticas e a mídia, enquanto poderes e enquanto autoridades que necessitam posicionar-se, produziram de discurso sobre o crime? O que verificamos é a construção de uma memória da política brasileira recente que não tem nada dito. Que não tem um posicionamento e resposta certa das autoridades sobre o caso Marielle Franco.

Pensar o silenciamento é refletir sobre isso, sobre o que não foi dito. Porque quando não se fala sobre um assunto, é também fazer uma memória sobre o fato social. Então pensando a morte de Marielle como um fato social, interessa para quem está pesquisando tanto o que foi dito, e o que não foi dito. Observamos que através do não dito, se produz uma não memória sobre a vereadora.

Onde estará Marielle daqui 10 anos? O que vai estar registrado sobre ela? Entendemos a importância, enquanto pesquisadoras, de questionar isso. É um crime político determinante na história e memória do país e importante de ser demarcado. A morte da vereadora sinaliza um silenciamento de uma mulher negra, lésbica, periférica, uma voz que se tornou uma das mais expressivas da política brasileira nos últimos anos.

Lutava por causas da periferia, por minorias. Marielle tem uma ampla representatividade. E, apesar de não posicionamento de muitos aqui no estado do Espírito Santo, as deputadas Janete de Sá (PMN) e Eliana Dadalto (PTC) produziram memória, seja com a nota de pesar no Facebook de Janete de Sá bem como o vídeo de pronunciamento em sessão parlamentar da deputada Eliana Dadalto. E a nossa pesquisa vem também como forma de contribuir, visibilizar e ocupar o território da ciência, da história e memória da sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

Livro:

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. **Feminismo e política: uma introdução**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2014. 164 p.

Artigos:

CAVACA, S. D.; SANTOS ALVES, Gabriela. Lugar de mulher é na política? Posicionamentos das deputadas estaduais do ES sobre o caso Marielle Franco. In: *Encontro Internacional Engênero III. Saber, Violência, Ação: a universidade reforçando ou desconstruindo (pré)conceitos?*. Vitória, 2018.

FONSECA-SILVA, MC. Memória, mulher e política: do governo das capitâneas à presidência da república, rompendo barreiras. In TASSO, I., and NAVARRO, P., orgs. Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas [online]. Maringá: Eduem, 2012. pp. 183-208.

G1 GLOBO. De cada 10 deputados estaduais eleitos apenas 1 é mulher. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/blog/eleicao-em-numeros/post/de-cada-10-deputado-s-estaduais-eleitos- apenas-1-e-mulher.html>> Acesso em: 15 abr 2019.

GÊNERO E NÚMERO. Mulheres pretas, como Marielle, são menos de 1% nas câmaras de vereadores do Brasil. Disponível em: <<http://www.generonumero.media/mulheres-pretas-como-marielle-sao-menos-de-1-nas-camaras-de-vereadores-do-bras/>>. Acesso em 15 abr 2019.

IBGE. Estatísticas de gênero: responsabilidade por afazeres afeta inserção das mulheres no mercado de trabalho. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/2013-agencia-de-noticias/releases/20232-estatisticas-de-g>>

enero-responsabilidade-por-afazer-es-afeta-insercao-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho.html

> Acesso em: 15 abr 2019.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: Estudos históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 03-15, 1989.

POLITIZE. Mulheres negras em cargos de poder no Brasil. Disponível em:

<<https://www.politize.com.br/mulheres-negras-em-cargos-de-poder-no-brasil/>>. Acesso em: 15 abr 2019.

UNIÃO INTERPARLAMENTAR (UIP). Relatório da União Interparlamentar “Las mujeres en el parlamento en 2015”. 2015. Disponível em:

<<http://www.ipu.org/pdf/publications/WIP2015-s.pdf>>. Acesso em: 15 abr 2019.

Site:

DADALTO, Eliana. A luta da mulher na política. Discurso na Assembleia Legislativa do ES. Vitória, 2018. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/ElianaDadaltoOficial/videos/1455947527868139/>>. Acesso em: 15 abr 2019.